REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 873

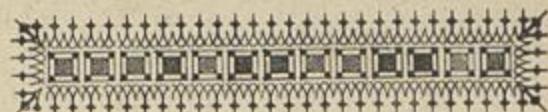
30 DE MARÇO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. M. O REI EDUARDO VII

CHRONICA OCCIDENTAL

Voltam-se agora todas as attenções para a breve chegada a Lisboa de El-rei de Inglaterra, Eduardo VII, que ha perto de trinta annos aqui veio, recem-chegado da India e quando ainda Principe de Galles.

Discutidos hão sido os festejos a celebrar a nova visita, e ainda mais do que elles o itinerario do cortejo.

Quantas vezes tem sido mudado não sabemos nós dizel-o.

Tem-se dito muito mal da rua do Arsenal, do Aterro, dos malditos angulos que os coches teem de dobrar a voltar do Rocio para a rua Nova do Carmo, da rampa do Chiado, do declive da rua do Alecrim, etc, etc.

O ultimo itinerario approvado é o seguinte: Terreiro do Paço, lado oriental e norte, rua do Oiro, Rocio, rua do Carmo, Chiado, rua do Alecrim, Aterro, Santos, Pampulhá e Necessidades.

Não se pensa n'outra coisa. Por toda a provincia se afivelam as malas, se dá a ultima lavajem de benzina nas luvas, se assiste já em imaginação á grandeza do cortejo e á maravilha do fogo de vistas.

No outro dia, um lavrador cahiu em dizer que as ultimas chuvas tinham feito muito bem ás favas, e todos os circumstantes lhe pediram que fallasse baixo, não fosse o ceu ouvil-o. Que importam agora as favas? No fogo de vistas é que se pensa, na obra prima em que trabalham os pyrotechnicos srs. Domingos Antonio da Silva e Martiniano Alves Rego, aparentados com as bruxas que protegeram Aladim e Ali Babá.

Poude ha duas noites a Adelina Abranches fazer prodigios desempenhando a *Severa*. Subiu de muitos furos a classificação da actriz, todos o reconheceram porque todos a applaudiram; mas assim que se acharam na rua pozeram-se de nariz no ar a vêr as nuvens e d'onde soprava o vento.

O aluguer das janellas, nas ruas em que ha de passar o cortejo teem attingido um preço fabuloso. Pois se fabulosas hão de ser as festas! Janellas ha no Chiado alugadas por quantia superior a cem mil reis.

Não se fala de politica. Os artigos de fundo podem á vontade ser agora escriptos sobre o joelho, porque ninguem os lê.

Se um caturra se atreve a fazer quaesquer considerações sobre o sr. Hintze ou João Franco, logo ali mesmo o calmam. O tempo não vai para luctas, dizem-lhe, e que hade tocar nos toiros a banda da guarda municipal.

Porque afinal está decidido que ha de haver toirada, a qual se realisará no dia 6, na praça do Campo Pequeno á antiga portugueza.

E' natural que os da Protectora de Londres resmunguem algum tanto. Deixal-os resmungar. El-rei de Inglaterra haverá visto em Portugal o que nenhuma outra nação lhe pode offerecer em espectaculo: os nossos cavalleiros. Como numero do programma será este dos melhores.

Do fogo no Tejo esperam-se maravilhas.

Quando Eduardo VII, ainda Principe de Galles, veiu visitar El-rei D. Luiz, as festas que se fizeram no nosso rio foram esplendidas e ainda

hoje são por vezes lembradas de quantos a ellas assistiram.

El-rei de Inglaterra presenciará a festa nocturna das varandas do Museu de Bellas Artes, em cujos jardins se está armando uma tribuna com logares para seiscentas pessoas.

Chegaram agora ao Museu duas das mais bellas obras d'arte dos nossos artistas modernos: a *Viuva* de Teixeira Lopes e o *Santo Antonio* de Columbano.

Valha-nos isso.

Na discussão do itinerario, que Eduardo VII seguirá desde o Terreiro do Paço, onde deve desembarcar, até ao Paço das Necessidades, muito e com razão se tem falado dos maos aspectos da cidade que terá de observar.

Com razão dissemos, mas não sabemos se dissemos bem. Depois que, logo á entrada, S. Majestade haja a surpreza de saber que temos gaz vendo o gazometro por de traz da Torre de Belem, pasmado do nosso progresso na civilisação e de como somos superiormente indifferentes a quanto é arte, que importava mostrar-lhe algumas das nossas miserias a este respeito?

Logo ao desembarcar, um pavilhão no Terreiro do Paço lhe tirará a vista da estatua de El-Rei D. José. Falou-se contra esse pavilhão, em alguns jornaes appareceram contra essa construcção artigos sensatissimos, mas toda a opposição teve de calar-se em vista d'um argumento muito superior: aquelle pavilhão... já ali se fizera mais vezes.

Continuamos na logica como se vê. Por detraz da torre de Belem, recordando tradições gloriosas, o grande monumento do gazometro; em frente da estatua, o monumento de pinho e lona.

Felizmente para nós, as ruinas do Carmo não ha meio de serem observadas de nenhum ponto do trajecto, senão veria El-Rei de Inglaterra como não é só Guerra Junqueiro com seus tercettos quem se mostra devoto de Nun'Alvares Pereira. Para alguma coisa nos serviu que Oliveira Martins escrevesse a Vida do Condestavel. As ruinas do Carmo são respeitosamente conservadas, não se lhes permitte ao lado senão construcções elegantissimas e um molho de fios de telephones em espeques brutos sobre a sua torre.

Mas não falemos de coisas tristes, quando a cidade se vae mostrar tão alegre. Até nos crimes que ultimamente se teem dado ha notas comicas. *O Bombeiro incendiario* parece um titulo de comedia.

Haja alegria. Os provincianos não tardam por ahi a desembarcar e ás musicas espalhadas por tantos coretos devem responder os foguetes estoirando jubilosamente no céo azul. E' preciso que elles não vejam sobr'olhos carregados, nem gente cabisbaixa.

A alegria deve ser para todos e assim o comprehenderam a sr.ª Duqueza de Palmella e Duque d'Avila em sua conferencia de que resultará a distribuição de seis mil senhas das cosinhas economicas para jantares que serão melhorados no proximo dia 4 de abril.

Será tambem a festa para os pobres.

O dia da chegada d'El-Rei de Inglaterra será de feriado geral em todas as escolas e repartições de Lisboa. Mais um motivo de alegria para toda essa gente que vae encher as ruas na passagem do cortejo.

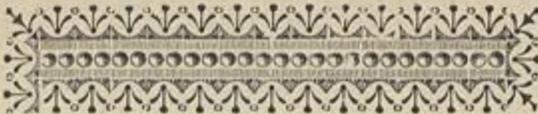
A ultima festa realisar-se-ha no Paço da Ajuda, onde a Rainha Senhora D. Maria Pia offerecerá a Eduardo VII um concerto em que tomarão parte as sr.as Regina Pacini e Pandolphini e os srs. Morelli e outros artistas de S. Carlos.

A reducção de preços nos caminhos de ferro decerto auxiliará muitissimo a concorrencia dos forasteiros a Lisboa, que por uns dias, vae parecer outra. Já de muitos pontos da provincia se recebem todos os dias telegrammas dando conta dos preparativos de partida.

Vae por ahi rolar algum dinheiro, o que bem preciso é.

A direcção da Associação Commercial de Lisboa resolveu em sua ultima reunião acceitar o convite do sr. Conde d'Avila para tomar parte nas homenagens projectadas ao rei Eduardo. A mesa da mesma associação conferenciou depois, sobre o mesmo assumpto, com o sr. Presidente da Commissão Municipal.

E é no que se fala e de mais nada ha que falar.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

EDUARDO VII

Lisboa atavia-se para receber a visita do monarcha de Inglaterra, que parte hoje 30, de Londres, ás 3 horas e 15 minutos da tarde, em direcção a Portsmouth, onde embarcará no *Yacht Victoria and Albert*, seguindo para Portugal, comboiado pelos cruzadores *Minerva e Venus*.

A comitiva de Eduardo VII é composta do general sir Stanley Clark, estribeiro-mordomo; almirante Honorable H. Lambleton, commandante do *Yacht*; capitão de mar e guerra Honorable Seymur Fortescue, official-mór, Honorable Charles Hardinge, sub-secretario de estado do ministerio dos negocios estrangeiros; sir Francis Labring, medico do rei; capitão Ponsonby, official e secretario particular; e cavalleiro de Martino, pintor do rei.

Acompanha tambem o rei Eduardo VII o nosso ministro em Londres sr. marquez de Soveral.

A chegada a Lisboa do *Yacht* que traz a seu bordo S. M. Britannica deve realisar-se no dia 2 de abril, das 3 para as 4 horas da tarde, sendo Eduardo VII conduzido para terra no bergantim real e fazendo-se o desembarque no caes das columnas.

Ali, no pavilhão levantado para esse fim, receberá o augusto viajante os cumprimentos do corpo diplomatico, côrte, corpos legislativos, altos funccionarios etc.

Conforme o programma official n'essa noite só haverão as illuminações nas ruas e em especial na praça do Commercio, Paços do concelho e palacio das Janellas Verdes.

A illuminação dos Paços do Concelho, durante as noites em que estiver em Lisboa o rei de Inglaterra, é a que unicamente serviu por occasião do casamento de S. M. El-Rei D. Carlos e Centenario de Camões.

Na sexta feira de manhã irá El-rei o sr. D. Carlos com o seu illustre hospede almoçar a Cintra. A' noite suas magestades e côrte assistirão no palacio do Museu das Bellas Artes ao grandioso fogo de artificio, que é composto de 68 peças, sendo a penultima de fogo preso, representando a parte sul do castello de Windsor.

No sabbado os dois monarchas visitarão de manhã a Sociedade de Geographia e de tarde assistirão ao tiro aos pombos, sessão organisada pela Sociedade de tiro aos pombos da Real Tapada d'Ajuda em honra de Eduardo VII, e da qual o mesmo monarcha é socio honorario.

Para esta sessão destina o club um valioso premio, que foi adquirido na joalheria Leitão.

E' uma artistica taça de prata cinzelada, similhante á que a sociedade de Geographia offereceu para a regata internacional.

Este premio, que é muito valioso e se denominará «Premio Eduardo VII», será disputado annualmente, ficando propriedade do atirador que o ganhar tres annos consecutivos.

A' noite recita de gala no Real Theatro de S. Carlos.

Domingo El-Rei D. Carlos e Eduardo VII irão almoçar a Cascaes; á noite jantar de gala no palacio d'Ajuda.

Tambem está destinada a noite do dia 6 para um grande concerto nos aposentos de S. Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia, no qual tomarão parte alguns cantores de S. Carlos e a que assistirão, alem da familia real, ministerio, a côrte e corpo diplomatico.

E' para a tarde d'esse dia que se annuncia a tourada á antiga portugueza na praça do Campo Pequeno e para a qual estão sendo disputados os logares por preços fabulosos.

Assistirão á tourada os dois monarchas, Rainha Senhora D. Maria Pia, Infante D. Affonso, titulares e dignitarios da côrte, o ministerio, o corpo diplomatico estrangeiro e demais pessoas da primeira sociedade.

A praça é deslumbrantemente ornamentada a expensas da Camara Municipal.

A lide constará de dez touros por seis cavalleiros que serão José Bento de Araujo, Fernando de Oliveira, Manuel Cazimiro, Joaquim Alves, Simões Serra e Eduardo Macedo, e pelos principaes bandarilheiros, alem d'um grupo de moços de forcado.

Os cavalleiros apresentarão os seus mais ricos trajes, levando os cavallos talvez e arreios a rigor.

O cortejo para as cortezias é composto de mais de setenta pessoas e cincoenta cavallos, havendo neto, pagens, charamelleiros, coches puchados por quatro cavallos com criados de taboa, doze campinos montados, criados de libré etc.

A colonia ingleza em Lisboa entregará uma mensagem a Eduardo VII, na qual se fazem allusões á forma amavel e amiga como teem sido recebidos e tratados em terra portugueza, felicitando ao mesmo tempo o monarcha pela sua vinda a Portugal.

Estão nomeados para ler e fazer entrega d'essa mensagem os seguintes membros da colonia: consul F. H. Cowper, rev. W. H. Westall, rev. R. M. Lithgon, rev. Singleton, James Rawes, Nicol M. Nicoll, Albert de Mascarenhas, E. V. Wyse e F. C. Cannel.

A colonia ingleza do Porto faz-se representar pelo seu consul e pelos srs. Veage e Coverley, estimados negociantes n'aquella praça.

Com os contigentes militares que vieram reunir-se em Lisboa ás forças da guarnição para prestar as honras ao rei Eduardo VII, chegou o regimento de cavallaria 3 de que, este monarcha é coronel honorario, e que fará as guardas de honra ao Paço das Necessidades, emquanto em Lisboa se demorar aquelle Principe.

* * *

Já em dois numeros da nossa revista (796 e 850) nos occupámos da alta personalidade do actual monarcha de Inglaterra: quando foi acclamado e quando se realisaram as festas da coroação em Londres. E', comtudo, agora nova opportunidade o deixarmos aqui ligado ao rapido relato das festas em sua honra, alguns traços biographicos do illustre monarcha.

Eduardo VII nasceu em Buckingham Palace, a 2 de novembro de 1841, foi o 2.º filho da Rainha Victoria e do principe consorte Alberto, sendo os seus nomes de baptismo Alberto Eduardo.

A 4 de dezembro do mesmo anno são lhe dados os titulos de Principe de Galles e conde de Chester.

Recebeu educação esmerada sob a vigilancia da fallecida rainha sua mãe, tendo por aia e perceptora a viuva Lady Lyttelton. Estudou chimica na universidade de Edimburgo; frequentou o collegio de «Christ Church» em Oxford, e a universidade de Cambridge, onde cursou o collegio da Trindade.

Em novembro de 1858 recebeu as honras de cavalleiro da Jarreteira e uma commissão como coronel do exercito, onde tinha o posto de marechal de campo á data da sua acclamação.

Visitou a Europa pela primeira vez em 1859, indo á Italia e á Hespanha; e sob o nome de lord Renfren visitou incognito os Estados Unidos e o Canadá.

Em junho de 1861 completou o curso de Cambrigde, e começou a dedicar se ás manobras militares nos campos de Curragh.

Em 1862, para cumprir os desejos de seu pae, que havia fallecido em 13 de dezembro do anno anterior, emprehendeu uma viagem á Terra Santa.

Tomou assento na camara dos lords em 1863, como duque de Carnwal, fixando a sua residencia em Mulborou House.

A 10 de março de 1863 realisou-se na capella de S. Jorge, em Windsor, o seu casamento com a princeza Alexandra, nascida a 1 de dezembro de 1844, filha de Christiano IX, rei da Dinamarca.

D'este enlace nasceram os seguintes principes:
Alberto Victor, 16 de janeiro de 1864;
Principe Jorge, 3 de Junho de 1865;
Luiza Victoria, 24 de fevereiro de 1867;
Victoria Alexandra Olga, 6 de julho de 1868;
Princeza Maud, 26 de novembro de 1869.

N'este anno vae ao Egypto, em viagem de estudo, com alguns altos personagens da côrte, publicando-se a proposito d'ella um interessante relatorio.

Em 1871 inaugurou a exposição internacional da Irlanda, estando gravemente enfermo em 23 de novembro d'este anno com um ataque de febre typhoide, que causou grandes sobresaltos á familia real e fundados receios aos seus medicos assistentes.

Viajou em 1875 como herdeiro persumptivo da corôa, vindo a Lisboa em 1876, onde se fizeram grandes festejos em sua honra.

Quando os animos estiveram excitados na Irlanda, em 1885, não receiou ir áquelle paiz, onde foi recebido enthusiasticamente.

Em 1886 presidiu á inauguração da exposição colonial da India e á abertura do tunnel de Messey.

Entre 1894 e 1896 desempenhou os cargos de

membro da real commissão de Alojamento dos pobres e de 1.º chanceller da Universidade de Galles.

Em dezembro de 1899, dá-se o attentado de Spido, que disparou um tiro contra Eduardo, ainda principe de Galles, no caminho de Bruxellas para S. Petersburgo. O attentado não teve consequencias, por que o tiro não alcançou o alvo.

Por morte da rainha Victoria foi acclamado rei da Grã Bretanha e da Irlanda e imperador das Indias, em 24 de janeiro de 1901.

As festas da coroação que estavam fixadas para 23 de junho de 1902 não poderam realisar-se então, por o monarcha ser atacado d'uma peritonite de que soffreu operação em 24 d'esse mez, realisando-se a 9 d'agosto, e sendo a cerimonia da coroação feita na abbadia de Westminster.

Na India teve tambem essa cerimonia uma consagração das mais imponentes, sendo as festas em Calcuttá, Bombaim, Delly e Madrasta uma affirmação do prestigio e da força que ali tem a Grã Bretanha.

—

O MINISTRO INGLEZ EM LISBOA

Como todos sabem é sir Martin Le Marchant Hadsley Gosselin o enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. Britannica actualmente residente em Lisboa.

Sir Gosselin depois de ter percorrido as principaes côrtes da Europa veiu para Portugal, onde é justamente considerado entre o corpo diplomatico estrangeiro, não só por ser um funccionario distincto, como prova a enumeração dos serviços que tem distinguido a sua carreira, como pela sua muita erudição e dotes de espirito e de caracter que personificam um verdadeiro *gentleman*.

Educado na Universidade de Oxford foi nomeado addido á legação de Lisboa em 1869, passando á legação de Berlim em 1873, como 3.º secretario da embaixada, d'onde foi transferido em fevereiro de 1874 para Copenhague.

Promovido a 2.º secretario para a embaixada de S. Petersburgo em novembro de 1874, foi nomeado addido á embaixada especial durante o congresso de Berlim em 1878, sendo transferido para Roma em 1879 e para S. Petersburgo em 1880, voltando para a legação de Berlim em 1882.

Em 1885 foi nomeado 1.º secretario da legação de Bruxellas, e em 1887 secretario da missão especial ao duque de Norfolk.

De 1888 a 1890 é escolhido para delegado britannico na conferencia de Bruxellas, destinada a tratar de tarifas internacionaes, sendo em 1889 nomeado um dos secretarios da mesma conferencia ao tratar-se do trafico da escravatura.

De 1890 a 1896 desempenhou muitos outros serviços e commissões officiaes da maior importancia, até que em 24 de outubro d'aquelle anno foi acreditado ministro plenipotenciario ao serviço diplomatico, sendo encarregado de negocios diplomaticos em Paris por differentes vezes.

Em 25 de junho de 1888 foi nomeado ajudante sub-secretario de Estado do ministerio dos negocios estrangeiros, logar que occupou até que em 1 d'agosto de 1902 foi distinguido com o alto cargo que hoje occupa na côrte de Lisboa.

E' agraciado com a commenda do Banho, cavalleiro da ordem de S. Miguel e S. Jorge e condecorado com a medalha commemorativa da coroação do Rei Eduardo VII.

—

MARQUEZ DE SOVERAL

Como dizemos n'outro logar o nosso illustre ministro em Londres sr. Marquez de Soveral acompanha o regio hospede, na sua visita a Lisboa, e essa honra com que é distinguido pelo soberano inglez, constitue uma das maiores affirmações de sympathia que o illustre diplomata disfructa na côrte da Grã Bretanha, e da affabilidade com que é tratado por Eduardo VII.

Luiz Soveral, que iniciou em Madrid a sua carreira diplomatica, como addido da legação, deu logo ali exuberantes provas da sua alta capacidade, deixando de si um bom testemunho da competencia para as altas funcções em que hoje está investido.

De Madrid passou a Vienna e depois a Berlim, na primeira como addido e na segunda já como secretario de embaixada, distinguindo-se sempre pelas suas maneiras e pela forma correcta que sabia imprimir a todos os seus actos officiaes.

De Berlim foi transferido para Londres, e ali não só tem prestado muitos serviços a Portugal como se tem tornado digno de estima pelo seu alto valor como diplomata.

Sendo chamado a Lisboa para se encarregar da pasta dos estrangeiros, novamente voltou a occupar o logar de nosso ministro em Londres apenas se dimittiu o gabinete de que fazia parte.

E' um espirito alegre e scintillante, sabendo insinuar-se e honrando sempre o nome da sua patria como portuguez de coração que é.

—

PAÇO DAS NECESSIDADES

A proposito de ser este palacio o escolhido para residencia do rei de Inglaterra durante os dias que se demora em Lisboa, damos algumas notas curiosas sobre a sua fundação.

Data de 1743 o começo da edificação do palacio, que tomou o nome d'uma ermida da invocação de Nossa Senhora das Necessidades, contigua ás casas, que para construcção do edificio, se demoliram.

Refere-se que El-Rei D. João V tendo adoecido gravemente, pedira lhe levassem para os seus aposentos a imagem da Senhora das Necessidades, e que havendo melhorado fez substituir a modesta capella por um templo rico e sumptuoso, concedendo-lhe as prerogativas de capella real, e addicionando-lhe mais tarde o palacio, que só ficou concluido em 1750, e cuja construcção obedeceu ao risco de Caetano Thomaz de Sousa.

A este palacio, que apoz a sua conclusão fôra escolhido para residencia dos infantes D. Manoel e D. Antonio, irmãos do monarcha, nenhum damno causou o terremoto de 1755, que egualmente respeitou a capella, indo damnificar um pouco o convento, que pela mesma epoca do palacio, D. João V mandara construir na quinta contigua, fazendo d'elle doação aos congregados de S. Filippe Nery.

El-Rei D. José e D. Maria I preferiram o palacio d'Ajuda para sua residencia, servindo o paço das Necessidades para n'elle se hospedarem varios principes estrangeiros nas suas visitas á côrte portugueza.

Foi assim que durante aquelles reinados ali foram recebidos os filhos de Jorge III de Inglaterra, o Principe de Galles, depois Jorge IX, e seus irmãos.

Foi séde o mesmo palacio da Academia Real das Sciencias, reunindo ali tambem as côrtes de 1821, que fizeram as suas sessões no grande salão da livraria.

Em 1833 passou a ser residencia da rainha D. Maria II e ali residiram tambem, até á sua morte, El-rei D. Fernando, infantes D. Augusto, D. Fernando e D. João, o saudoso monarcha D. Pedro V e a rainha D. Estephania.

Com a elevação ao throno de El-rei D. Luiz I, e depois do seu casamento com a excelsa princeza da casa de Saboya, senhora D. Maria Pia, passou aquelle monarcha a residir no palacio d'Ajuda, ficando no das Necessidades El-Rei D. Fernando e o infante D. Augusto.

El-Rei o senhor D. Carlos, depois de ter estado alguns annos no paço de Belem, preferiu para residencia o palacio das Necessidades, sendo os seus aposentos que vae occupar o rei Eduardo VII.

Afim de receber o seu real hospede teem-se ali feito alguns trabalhos para embellezamento, estando já concluida a ornamentação em que figuram muitos objectos d'arte.

Entre elles cita-se pela sua belleza um tapete azul exposto n'uma das paredes da portaria da real camara, tendo ao centro a corôa real portugueza envolta em ramos e fitas, lendo-se n'estas as seguintes legendas: Lisboa, Porto, Evora, Coimbra, Leiria, Faro, Elvas, Bragança; os emblemas da cruz de Christo, Torre e Espada, (Valor e Lealdade), e de Villa Viçosa, padroeira do reino.

—

OS COCHES DO CORTEJO REAL

Os coches destinados a servir no cortejo real por occasião da chegada de S. M. Britannica, e dos quaes alguns acabam de ser restaurados, constituem um dos mais preciosos thesouros de arte decorativa, tanto em obra de talha como em pintura, e são tambem d'um grande valor estimativo pela antiguidade e pela razão historica que lhes deu origem.

Nenhuma outra nação possue como Portugal uma collecção tão numerosa e variada de coches reaes dos seculos XVII e XVIII.

A França e a Inglaterra tiveram tambem opulentos trabalhos n'este genero de vehiculos, mas as revoluções de 1789 em França, e a que destronou e levou ao cadafalso Carlos I, de Inglaterra, destruiram esses bellos pruductos de arte, vendo se apenas n'esta ultima nação os coches que costumam servir no prestito de lord maire, no dia em que vae tomar posse d'esse cargo, notando-se que esses coches são muito inferiores aos de 2.ª ordem da casa Real Portugueza.

Esta era a informação que o erudito escriptor sr. Ignacio de Vilhena Barbosa nos dava n'uma descripção começada sobre este assumpto ahi pelos annos de 1867, e que o distincto escriptor não concluiu.

Os primeiros coches que se viram em Portugal foram os que trouxe a Lisboa Filippe II, de Hespanha, em 1581.

Em França appareceu a primeira carruagem ou coche no meiado do seculo XV, no tempo de Carlos VII, sendo Ladislau IV, rei da Hungria, quem presenteou com elle Maria d'Anjou, esposa do monarcha francez, porem, só no reinado de Henrique IV, que subiu ao throno em 1589, é que em França se generalisou o uso dos coches.

Em Inglaterra foi apenas em meiados do seculo XVII que principiou o uso d'estes vehiculos, devendo-se a sua adopção á rainha Isabel, acclamada em 1558.

Em Hespanha o uso dos côches foi estabelecido no reinado de Filippa II.

O nome que os hespanhoes davam aos coches de então era *estufas*, e este mesmo nome se ficou usando dar entre nós aos coches que foram fabricados pelo modelo d'aquelles, donominando-se os outros mais modernos *berlindas*.

No casamento da filha de D. João IV, a infanta D. Catharina com Carlos II rei de Inglaterra, que se effectuou em 1666, já no reinado de D. Affonso VI, foram a infanta e a familia real em coches dos paços da Ribeira até á Sé, onde se celebrou a cerimonia, e na volta do templo até ao Terreiro do Paço, onde a infanta passou á galeota que a conduziu á nau que a levou a Inglaterra.

Nas nossas gravuras alem dos coches que figuram no cortejo real do dia 2 d'Abril, damos tambem o coche de D. Pedro II, sendo o mais antigo d'elles o que foi construido em Paris, em 1665 e offerecido por Luiz XIV, como presente de nupcias, á princeza Maria Francisca Izabel de Saboya, por occasião do seu casamento com D. Affonso VI. N'este coche tomarão logar os srs. coronel Duval Telles, tenente Francisco Figueira e tenente José Lima; seguem-se, na sua ordem chronologica, o coche construido em 1705, para servir no casamento de El-rei D. José I. Obra de talha dourada e pinturas, estylo Luiz XIV. Este coche que se distingue entre os outros pela sua magnificencia e elegancia, é destinado a conduzir os monarchas; o coche que em 1717 foi mandado construir em Roma por Clemente XI, e para ser offerecido a D. João V, é de estylo Renascença e com bella obra de talha. Tem cortinados de velludo carmezim de grande riqueza, e a cada um dos quatro cantos da caixa bellas figuras decorativas, o que lhe dá um grande valor artistico. N'este coche tomam logar o general inglez sir Stanley Clarcke, e o sr. general Francisco Maria da Cunha, chefe da casa militar d'El-Rei D. Carlos; o coche que foi feito em Paris tambem em 1717, por mandado do inante D. Francisco, irmão de D. João V. Estylo Luiz XIV. Estreiou-se em 19 de Janeiro de 1720; é destinado ao captain Honorable Seymur Fortescue, sir Francis Labring, do sequito de Eduardo VII e aos srs conde da Figueira e marquez de Alvito; coche tambem estylo Luiz XIV, feito em Vienna d'Austria por ordem do imperador José I, e por elle offerecido a sua irmã a archiduqueza Maria Anna d'Austria, quando esta veiu para Portugal para desposar D. João V, em 1708. Tem a lettra *M*, inicial do nome d'aquella princeza; sendo destinado ao Honorable Charles Harding, R. Admiral Honorable Hedwort Lambleton, e ao sr. duque de Loulé; coche de D. José I, é o mais moderno de todos, foi construido em 1750; n'este tomarão logar o captain Ponsonby, do sequito de Eduardo VII e os srs. condes de Tarouca, conde de Arnoso e vice almirante Hermenegildo Capello, official ás ordens de S. M. o rei de Inglaterra.

—

O BERGANTIM REAL

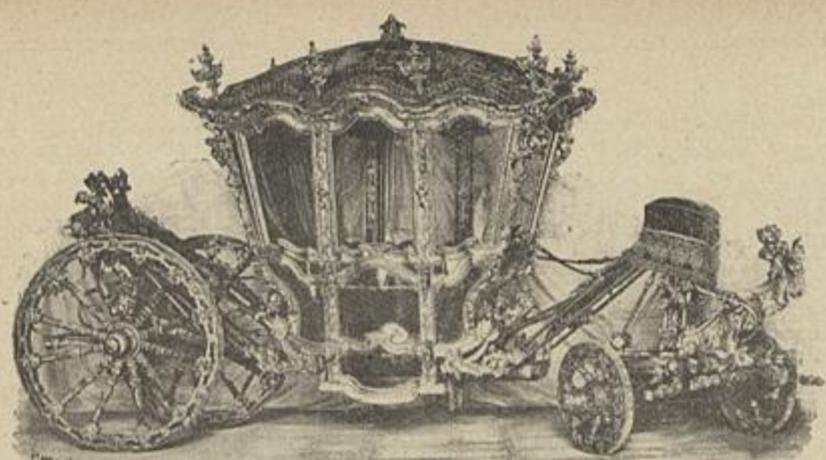
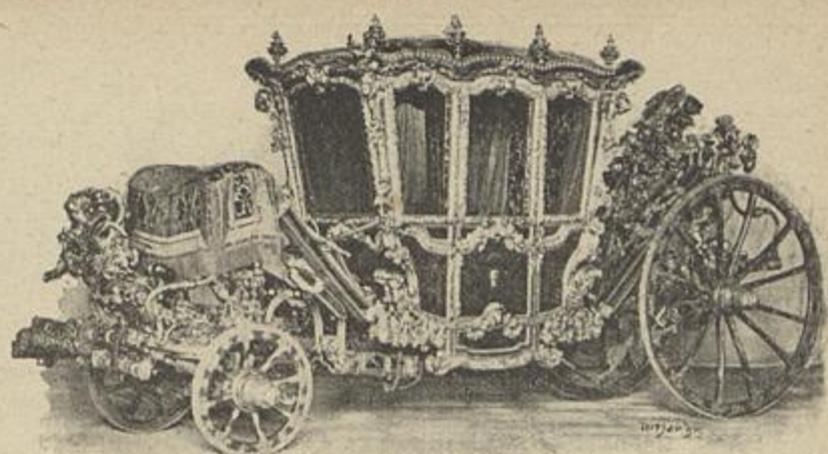
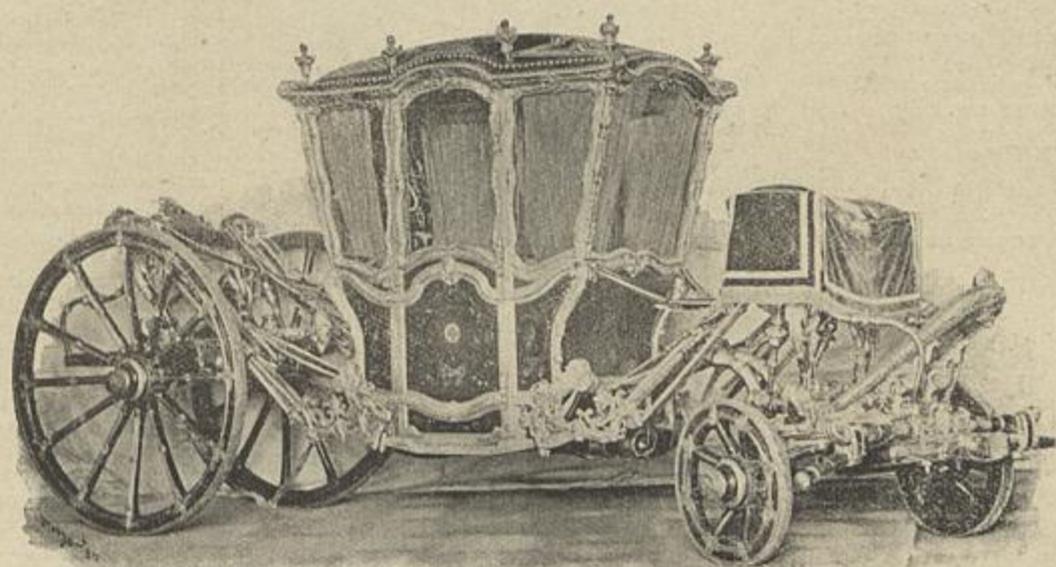
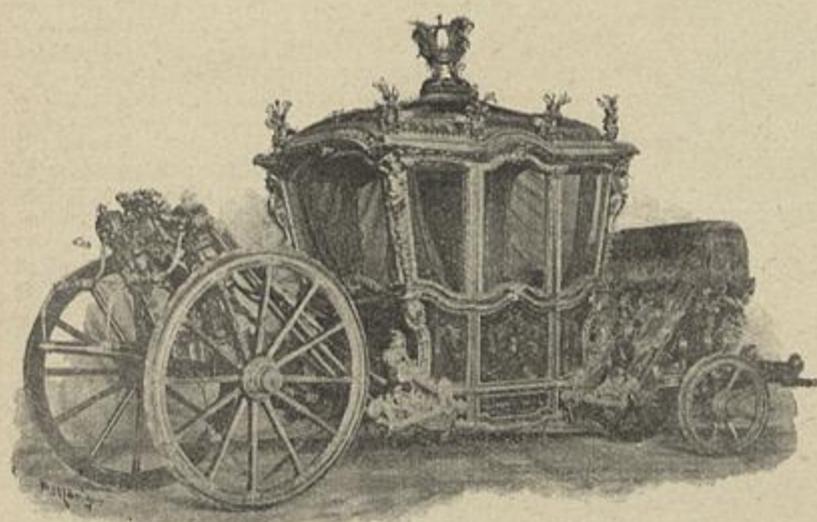
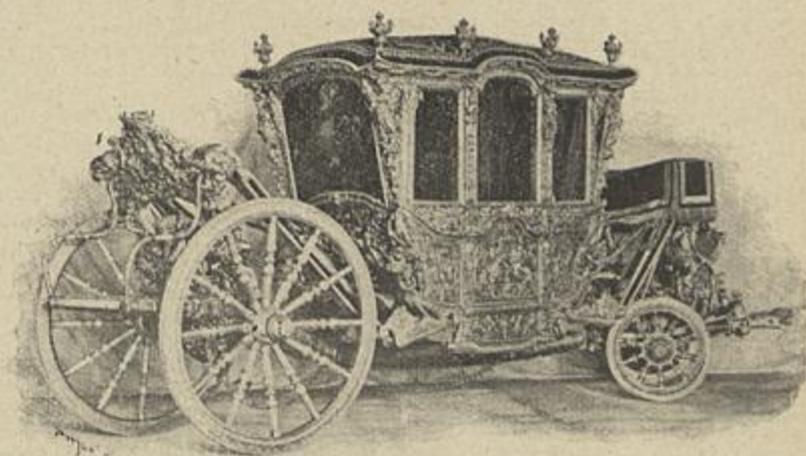
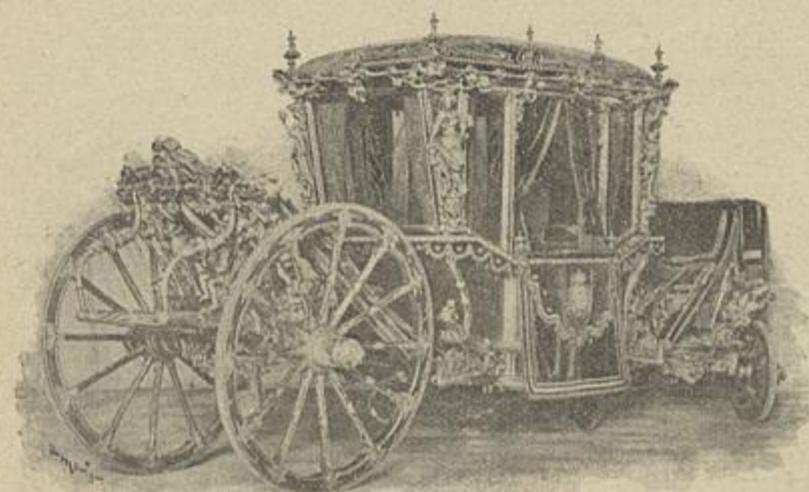
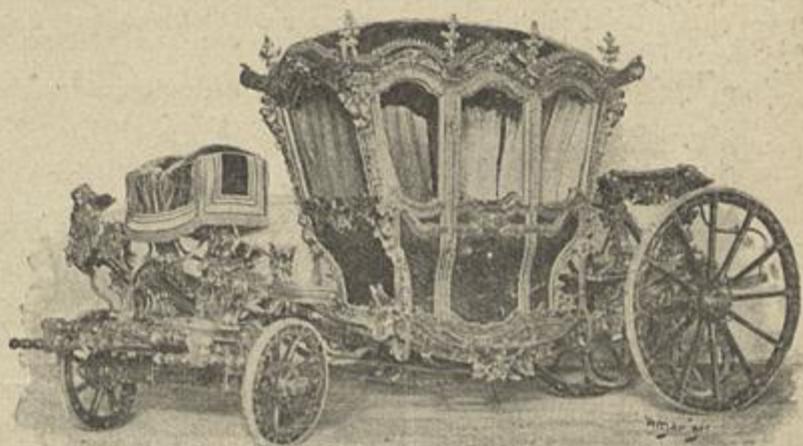
Foi construido no reinado de D. Maria I o bergantim real que conduzirá Eduardo VII do seu Yacht até ao caes das columnas.

Será tripulado por 80 homens, sendo 2 a cada remo.

Tem 12 pés e 6 e meia pollegadas de bocca, e 86 pés e 7 e meia pollegadas de quilha, o que corresponde a quasi 29 metros de comprimento. A prôa e a pôpa são inteiramente cobertas de figuras e variadas esculpturas de talha dourada, rematando a pôpa em tres grandes lanternas de metal. Na pôpa tambem ha um painel pintado a oleo, dividido pelo leme em duas partes. N'uma está representado Neptuno, em pé no seu carro, de

SIR MARTIN LE MARCHAND HADSLEY GOSSELIN
MINISTRO DE INGLATERRA EM LISBOA

MARQUEZ DE SOVERAL
MINISTRO DE PORTUGAL EM LONDRES

PAÇO REAL DAS NECESSIDADES ONDE É HOSPEDADO, S. M. O REI EDUARDO VII

COCHE DE D. JOAO V — 1705

COCHE DE D. JOSÉ I — 1750

COCHE DE D. AFFONSO VI — 1656

COCHE DE D. JOÃO V — 1727

COCHE DE D. JOÃO V — 1708

COCHE DE D. JOÃO V — 1717

COCHE DE D. PEDRO II — 1629

Os coches do Cortejo Real

madreperola, cercado por dois golphinhos, que conduzem triumphalmente o deus dos mares sobre as ondas do oceano que elle subjuga e aplaca com o seu tridente. Na outra está Amphitrite, esposa de Neptuno, egualmente em pé sobre uma concha

As bordas e costado do bergantim, até ao lume d'agua, são guarnecidas de obra de talha dourada, representando grinaldas de flôres, folhagens, fructos etc.

O bergantim que foi expressamente feito por occasião do consorcio da infanta D. Maria com o infante D. Gabriel, filho 2.º de Carlos IV, de Hespanha, tem servido no desembarque de D. João VI, no seu regresso do Brazil, em 1821; da rainha D. Maria II e da imperatriz D. Amelia, duqueza de Bragança, na sua chegada de França em 1833; do principe D. Augusto, duque de Lentchenberg, em 1835; de D. Fernando II, no anno immediato; da rainha Adelaide de Inglaterra; do duque Fernando de Saxe Coburgo pae do rei D. Fernando; da rainha de Hespanha D. Maria Christina; do rei D. Pedro V, na volta da sua viagem ao estrangeiro; da rainha D. Estephania; da rainha D. Maria Pia; do imperador do Brazil e da imperatriz dos francezes D. Eugenia etc.

Desegualdade dos filhos de Eva

(DOS IRMÃOS GRIMM)

No tempo em que Adão e Eva foram expulsos do Paraiso terreal, tractaram de construir uma casa no terreno esteril e de ganhar a vida com o suor do seu rosto. Adão poz-se a cavar a terra e Eva a fiar lan Eva todos os annos dava á luz um menino, meninos que differiam muito entre si; uns eram bonitos, outros feios.

Passado algum tempo, Deus enviou um anjo a annunciar-lhes a sua proxima visita. Eva, não cabendo em si de contente pela honra que ia receber, esfregou a casa e ornou-a de flôres. Feitos estes preparativos chamou os filhos e escolheu os bonitos Lavou-os dos pés á cabeça, penteou-os, vestiu-lhes camisas lavadas, e recommendou-lhes cordura na presença do Senhor. Ficou comprehendido que se inclinariam respeitosos e que responderiam promptа e claramente ás perguntas que Elle lhes dirigisse.

Quanto aos meninos feios, receberam ordem de não se mostrarem. De modo que foram esconder-se os doze respectivamente no feno, no telhado, no forno, na palha, na adega, no tonnel do vinho, nas pelles velhas, no linho e no couro que servia para fazer sapatos;

Logo que assim os occultou ouviu bater muito mansamente á porta. Adão olhou atravez uma fresta e reconheceu o Senhor. Abriu respeitosamente a porta e o Pae do Ceu entrou. Os rapazinhos fizeram circulo, inclinaram-se reverentes e ajoelharam. O Senhor abençoou-os, em seguida ergueu as mãos e disse a cada um dos oito irmãos que seriam um rei poderoso, um principe, um conde, um cavalleiro, um fidalgo, um burguez, um negociante e um sabio.

Eva, ao ver o Senhor tam benevolo e tam generoso para com os filhos bonitos, não teve mão em si que não se lembrasse de ir chamar os outros com ideia de que seriam abençoados como aquelles.

Correu, pois, a procural-os nos sitios onde se tinham occultado. D'ahi a pouco entraram todos com Eva á frente.

Deus viu-os, riu-se e tambem os quiz abençoar dando-lhes cargos para que fossem lavrador, pescador, ferreiro, curtidor, tecelão, cordoeiro, alfaiate, oleiro, carpinteiro, barqueiro, carteiro e creado.

Quando o Senhor terminou a nomeação, Eva interrogou-o sobre o motivo por que fazia uma distribuição tam dissimilhante de dons. Ao que Deus redarguiu:

—Eva, não queiras saber os meus designios. Convem-me e a necessidade exige que eu organize o mundo com os teus filhos. Se todos fossem principes e senhores quem semearia o grão? quem bateria o trigo? quem faria coser o pão? quem se encarregaria de tecer, de manejar a plaina e a enxada? quem talharia e coseria os fatos? E' preciso que cada um d'elles exerça o seu mister para que seja util para todos e que todos concorram para o bem geral.

—Senhor, perdôe a indiscrecção que commetti—retorquiu a mãe Eva, e que a sua divina vontade se cumpra em meus filhos.

XIV III-CMIII

Henrique Marques Junior.

A natureza e seus phenomenos

I

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

VIII — INERCIA

(Continuado do n.º 869)

I) *Machina de escrever. Estão hoj muito em uso as machinas de escrever.*

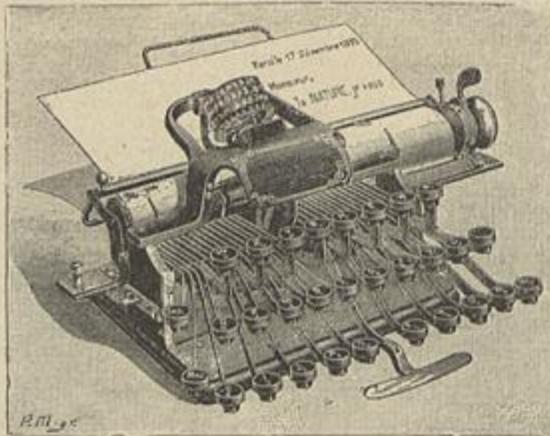



Fig. 15 Machina Dactyle

Descreveremos a machina «Dactyle» como a mais aperfeiçoada d'este typo. O seu machinismo é engenhoso. Um pequeno tambor contendo 84 caracteres dispostos em tres series eguaes de corôas circulares recebe (fig.16) movimento de uma

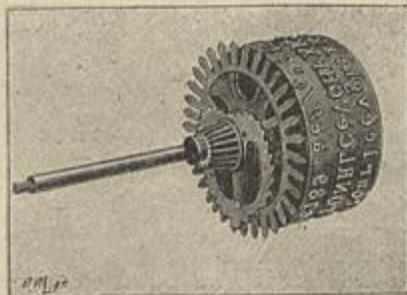



Fig. 16

roda dentada, á qual se fixam tres peças: a primeira apresenta a forma de um coração dentado, a segunda, egualmenete dentada, tem a forma asteride, e a ultima é uma manivella, sendo o conjuncto d'essas peças atravessadas pelo eixo do tambor, cuja extremidade tem uma ranhura e um parafuso que permitte fixar o tambor, não impedindo o seu movimento em torno do eixo.

A roda dentada e o tambor teem movimentos solidarios devido á manivella desenvolvendo se o attrito junto a uma peça de aço, existente na parte inferior do tambor. A roda dentada, collocada entre dois sectores dentados que engrenam com ella, tem, como eixo de rotação, um cylindro horizontal, perpendicular ao eixo do tambor movel.

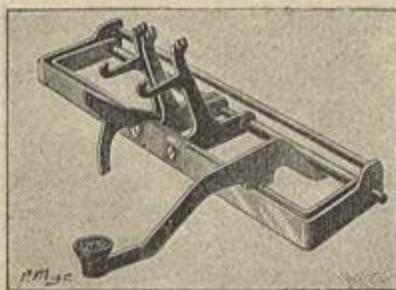



Fig. 16 e 17 Detalhes da machina

Duas pequenas peças de aço nivelam os extremos do coração dentado. A superior é dentada inferiormente; a inferior trabalha por percussão. Os dois sectores dentados, além da roda dantada, teem, tambem, dentes d'engrenagem.

(A fig. 17) Mostra-nos dois *châssis* munidos de braços dentados e um colchete girando sobre um eixo commum. Cada um dos *châssis* communica movimento a um dos sectores; quando em repouso, engrena estes um dente do sector por meio do colchete, mantendo-os immoveis.

As alavancas contendo as teclas onde se acham inscriptos os caracteres, teem dois encaixes, correspondendo cada um d'elles a cada um dos *châssis*. Exerçamos pressão sobre uma alavanca (a letra P) por exemplo, collocada á esquerda Um dos encaixes da alavanca, por meio do *châssis* do lado esquerdo, faz com que o colchete do seu respectivo braço dentado, abandone o dente do sector esquerdo e fazendo-o girar. N'este momento o sector direito é mantido pelo colchete do *châssis* do lado direito.

A roda dentada, arrastada pelo sector esquerdo, gira sobre o sector direito immovel; o eixo do tambor inclina-se, e este move-se. Continuando a exercer pressão na mesma alavanca, o tambor passa junto a um reservatorio contendo tinta de impressão, gravando sobre um papel, a letra P, e assim se procede para todos os outros caracteres.

Um timbre annuncia que o fim da linha do papel está proximo, afim de fazer com que aquelle que se utilisa da machina para escrever, eleve um pouco, a folha e a colloque, de novo, na posição primitiva.

Logo que se deixe de exercer pressão sobre a alavanca, o machinismo deixa de funccionar.

II) *Velocipedia.* No fim do seculo XVII, um membro da Academia Real das Sciencias em França refere se a um vehiculo mechanico que um amigo seu possuia. Um lacaio dava-lhe andamento, appoiando os seus pés em duas peças de madeira que transmittiam movimento a duas rodas. Em 1790, Sivrac, tomando como unico motor para a propulsão da machina, os tecidos musculares da perna do homem, imaginou os *celeriferos* que se compunham de tres elementos de madeira: um barrote e duas rodas: O barrote era munido, de ambos os lados, de duas especies de gadanhos entre os quaes girava uma roda. O vehiculo completava-se por meio de uma sella e, uma almofada no dorso de um encosto.—Em 1818, porém, o Barão Drais modificou um pouco os *celeriferos.*—Uma especie de leme conduzia a roda de deante (roda directriz), podendo cada um, darlhe a direcção conveniente. A esta nova especie de vehiculo, denominou Draisiana cujo resultado não foi muito satisfactorio, occasionando este facto, a expatriação do seu auctor, que terminou os seus dias, n'um convento em Carlsruhe, em 1851. Mais tarde os inglezes empregando o ferro, em vez da madeira crearam os *velociferos*, primeiramente denominados *hobby-horse* (cavallo-mechanico). Esta machina era sustentada por duas rodas leves situadas no mesmo nivel. A roda de deante girava por meio de um eixo, para um ou outro lado, com o auxilio de uma alavanca, conservando a ultima, invariavelmente a mesma direcção.—O individuo senta-se sobre uma sella collocada na machina, collocando os pés sobre o sólo, como que para dar movimento á machina, continuando esse movimento, como se andasse na ponta dos pés.

Fig. 18 Draisiana

Os velocipedes de hoje, differem em muito dos primitivos—No velocipede commum, ou *bicycleta* o individuo colloca os seus pés, sobre dois pedaes que alternativamente, sobem e descem, dando as-

sim movimento á machina.—Esses pedaes ligam-se a uma pequena roda dentada, a que se prende uma correia sem fim que liga com a roda traseira do velocipede ou *bycicleta*. A roda de deante é a roda directriz, a qual se move á vontade do cyclista, por meio de uma alavanca.—As rodas são de aço. Envolvem-se geralmente de caoutchouc (pneumaticos) com o fim de diminuir o attrito, devendo, no entanto, o cyclista ter o prévio cuidado de os encher de ar, embora não totalmente, para que d'essa forma, evite, em parte, os choques. —A espessura dos pneumaticos deverá oscillar entre 40 a 45 millimetros.

A velocipedia tem hoje tomado um grande desenvolvimento. Modificações se apresentam todos os annos, aos modelos dos annos anteriores. Não descreveremos, aqui, a variedade d'esses modelos, porque não é nosso intuito, ser demasiado extensivo em qualquer dos assumptos de que nos occupamos visto que apenas nos referimos a elles, de uma forma muito elementar.

Além da bicycletta, adoptam se ainda, o tricycle (ou velocipede de 3 rodas), e os tandems (bicyclettas compostas de dois ou mais selins, de modo a permittir que, no mesmo vehiculo, sejam transportadas duas ou mais pessoas).

A ideia do cyclismo suggeriu, mais tarde o apparecimento dos *automoveis*. O primeiro automovel que appareceu em Paris, tinha a forma de um *coupé* ou *landau*, do comprimento de cerca de 3 metros. As rodas de madeira eram como os cyclos, munidos de pneumaticos cheios. O interior do vehiculo era muito confortavel; o seu comprimento era sufficiente para que os viajantes, em numero de trez, podessem estar perfeitamente á vontade.

O motor do vehiculo era o petroleo, que recebia o ar, por meio de carbonizador. N'um cylindro collocado n'uma caixa rectangular formando a parte de traz do automovel, se introduzia o petroleo. Os gazes do cylindro, depois do seu trabalho, escapavam se para a atmosphera, pela parte inferior do fiacre. A quantidade da essencia de petroleo empregado era de 15 litros e o resfriamento do cylindro motor mantido por 50 litros d'agua contida em dois reservatorios dispostos lateralmente na caixa rectangular. O vapor proveniente de aquecimento do cylindro circulava n'um quarto tubular collocado horisontalmente ao motor; o movimento do vehiculo produzia automaticamente uma circulação de ar rapido no interior do quarto tubular, facilitando o resfriamento e condensação do vapor produsido pelo aquecimento do cylindro. A potencia do motor é transmittida ás rodas motrises por um systhema de roldanas e correias actuando sobre um eixo intermedio que, por seu turno, fazia mover o eixo das rodas por meio de uma caldeira sem fim. O movimento era transmittido ás rodas traseiras por um movimento differencial, e as rodas de deante que davam a direcção conveniente ao vehiculo eram dirigidas por meio de um volante de eixo horisontal collocado ao centro da carruagem. O machinista sentava-se de forma tal que facilmente podesse manobrar o vehiculo com a mão direita. Perto do logar onde este se encontrava, existia o regulador de ar e de petroleo. Por meio de um freio de pedal operando no eixo das rodas motrizes, e um freio de mão, operando sobre umas peças a que se ligavam as rodas de traz, obtinha-se a paragem quasi instantanea do vehiculo.

Hoje, os automoveis teem, em geral, a forma de um caleche, assente sobre trez ou quatro rodas, sendo o seu mechanismo quasi semelhante ao que citámos.

Assim como os velocipedes; serão os automoveis, os vehiculos do futuro, substituindo com vantagem, os da tracção-animal, não só pela sua maior velocidade, como egualmente, pela commodidade.

III) *Machinas de impressão*. A machina que vamos descrever tem sobre todas as suas semelhantes, vantagens que passaremos a expôr.

O facto de dar a uma linha de impressão, o comprimento exacto que deve ter em relação ao formato do livro ou jornal que se pretende compôr, não é tão facil como se julga.

Em geral, o compositor, á maneira que compõe, colloca as palavras umas após outras, separando-as por espaços uniformes, mas, muitas vezes, é obrigado a suspender uma linha porque o espaço não é sufficiente. Deve para evitar isso, substituir o branco do papel, augmentando proporcionalmente os espaços primitivamente marcados, ou então, no caso inverso, diminuil os. Recorre a este meio perfeitamente ao acaso, podendo no emtanto fazer esse calculo mathematicamente, isto é dividindo o comprimento total a preencher, ou tornar disponivel, pelo numero de espaços nos quaes é necessario operar a repartição.

A machina Des Iardins que vamos descrever, evita esse calculo, porque ella mesmo se encarrega de operar essa repartição, de uma forma mathematica.

(Continua) *Antonio A. O. Machado.*

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

(Continuado do n.º antecedente)

Teve mais demora a excursão, do que elle suppunha, e com tudo a quanto empreendera desde o seu regresso, não veiu a concluir-se sem mais ou menos dissabores. O homem do passado achava-se agora em conflicto com o presente.

Impreendeu a jornada, segundo a antiga usança, sem levar comsigo passaporte, e nessa conformidade, viu-se detido em duas localidades, e teve que perder dois dias, á espera da respectiva identificação. O seu proprio cocheiro por pouco o não involve em um processo; este, desde longa data, estava afeito a não se dobrar perante pessoa alguma no condado, á excepção do vice-Palatino. E devido a isso, abalroou com a carruagem de um alto funccionario, e d'ahi resultou despedaçar-se o vehiculo e o cocheiro ser filado pelos gendarmas. O caso, como é de suppor, empatou-lhe uns dias. Até que por fim, volvidas semanas, conseguiu ver-se com o rendeiro, e as negociações com este consumiram-lhe ainda uns dias. Logrou finalmente ultimar o negocio, e os bens, considerado o preço antigo, foram relativamente bem vendidos.

Tomou algum descanço, e dispunha-se a emprender de novo a jornada, um pouco mais satisfeito, eis porem que recebe uma carta vinda de Milão, que lhe fora remettida pela cunhada, e o deixa imerso em funda tristeza.

Noticiava-lhe a carta o haver seu filho tornado a recahir e achar-se em perigo de vida, supposto desse esperança o medico.

Mandou atrelar a carruagem e recolheu á mansão a toda a pressa. Intentáva ir dali direito a Milão, e levar comsigo a filha, para tratar do irmão infermo.

Occorreu-lhe, porém, que achando-se livre da prisão, sob palavra, lhe era vedado transpor fronteiras; tinha que permanecer em casa e aguardar a vinda de uma carta tarjada de preto, que a terra estrangeira cubrisse o corpo do seu filho, extinguindo-se com este a antiga familia, indo os bens parar a mãos estranhas. A irritação e a magua assoberbaram-no de todo. Pensava na filha e no capitão Kahlenberger, a quem esta tanto amiude se referia, e a quem com certeza viria a desposar, assim que o edoso pae fechasse os olhos, o que não tardaria, talvez, a acontecer.

Entregue a taes pensamentos recolhia para casa, e ao divisar a sua mansão rutilante de luz e de donde lhe vinham ferir os ouvidos os écos da musica, estacou de chófre, como se alguem lhe houvera vibrado uma pancada. O funeral de seu filho e o casamento de sua filha, o officio de defuntos e a musica do baile vinham fundir-se-lhe na alma em crudelissima dissonancia, e estrugiam-lhe os ouvidos em cacafonia louca de sons. Enxugou a testa, acamarinhada de algido suor, e pouco a pouco, socegou.

—Um valetudinario não morre assim á primeira; estou infermo, ha tanto tempo, e, quem se acostuma ao estado morbido tem mais difficuldade em morrer!

E' mister não desesperar, até á ultima, confiar sempre na magnanimidade de Deus: Porque motivo estou eu agastado com a Elsbeth? Estragaram-ma de mimo, eis o que foi; emendar-se-á, com o tempo. E porque é que se não hade divertir? Ignora o estado do irmão. E' nova, bonita, porque razão não hade dansar! ? Amanhã, tão somente, lhe communicarei a noticia. Teriam vindo a visitar-me um ou dois amigos velhos e sinceros e trariam os filhos, e a Elsbeth improvisar-lhes-ia uma noite de festa: têm razão. E' justo que se divirtam.

Tomára eu que algum filho de um desses meus amigos, por ella se apaixonasse! Deus de bondade! visse eu casados meu filho e minha filha, e não me custaria deixar este mundo.

Parou a carruagem, e Radnothy abriu a portinhola, evocando toda a sua força de vontade para occultar a triste nova.

Presidia a coronéla ao seu lusido saráu. Conseguira reunir numerosos convidados, muito mais do usual. Como devem suppôr, cabia o principal papel ao capitão Kahlenberger, a quem os seus camaradas apodavam «de melro de bico amarello» e não sem fundamento; o soldo chegava-lhe para tudo, era acérrimo caçador, e podia gabar-se de dispor de um cão amestrado a primor; era inesgotavel a sua facundia, e sabia de cór e salteado o *Demócrito* de Werber; arranhava o seu bocado de francês, e n'este idioma lia o «Charivári,» quando lhe não roubavam o tempo as damas, que em todas as cidades bebiam os ares pela sua pessoa. E dansava a primor! Nas quadrilhas não brilharia mais que outro qualquer, mas na valsa ou na polca não incontraria competidor.

E agora, ainda, os olhos dos circumstantes todos nelle se concentravam.

A Elsbeth sentia-se ditosa sempre que em seus braços lhe era dado rodopiar, e quando, durante uma que outra paragem, lhe escutava os chistes, ria com tanto gosto, que dos olhos lhe rebentavam as lagrimas.

Um edoso major, que conversava com a coronéla, emitiu a observação de que um tão lindo par merecia ser ligado para sempre, que de bom grado serviria de padrinho, e confirmou a offerta com um aperto de mão. Um tenente referiu-se á caução, afirmando que o dote da donzella era mais que sufficiente a sanar qualquer difficuldade nesse sentido, e sentenceou de «bagatella» o caso. Um financeiro, a si proprio e em tom facéto, se convidou para o brodio do noivado, dahi a um anno, ao que respondeu a coronéla: pois «certamente!» Um engenheiro observou ao Kahlenberger que, em vez daquelle vetusto pardieiro, devia mandar edificar uma bonita residencia campestre, e que no dia immediato teria a satisfação de lhe vir apresentar um projecto nas requeridas condições, offerecimento que pelo capitão foi acolhido com sonóra gargalhada, negando-se a dizê-lo á Elsbeth, a despeito das insistentes perguntas por parte desta. O que deu em resultado ficarem amuádos. Para incurtar razões, toda a gente considerava como noivo o capitão, era geral a jovialidade e fuzilavam os chistes.

No pae, ninguem sequer pensava e passou despercebida a entrada deste. Até que por fim, deu pela sua presença a coronela, e, em seguida, a Elsbesth.

Uma e outra, de susto por pouco que não gritam, com receio de um escandalo immediato. Entretanto, caiu em si a viuva, mandou suspender a musica, tomou, successivamente, pelo braço a cada um dos seus convidados, e foi os apresentando a Radnothy, o qual, acatando os dictames da boa hospitalidade, a todos acolheu cordealmente.

Ficavam imbatucados os hospedes, pasmando em presença das melênas, grisalhas e muito crescidas, das immensas barbas e do esquipatico traje de viagem de tão extraordinario amphitrião, e segredavam entre si mais de uma observacão mordaz. Mais senhor de si, Kahlenberger encetou desde logo um discurso facéto, e tinha corda para mais de uma hora, se Radnothy lhe não tem dado a perceber, por acênos, que se achava em extremo fatigado e desejoso de recolher-se. E os circumstantes, pasmados de todo. O capitão entrou a lastimar-se aos amigos, por ter de ora avante que dedicar-se ao estudo da mimica, pois que, de outro modo, jámais poderia intender-se com o seu futuro sogro.

O major estava estupefacto ante a ignorancia de Radnothy, que nem sequer percebia a lingua alemã, e não obstante, exercera as funcções de vice-Palatino. O tenente declarou «curiosissimo» o caso e, espantado, meneou a cabeça.

O financeiro repetia, vezes sem conto, que em dias de sua vida jámais tinha visto tão barbaro carão. O ingenheiro dispoz-se a bosquejar o retrato do edoso fidalgo, na intenção de o enviar para a «Illustração alemã» como specimen da raça quasi extincta da velha aristocracia hungara.

A coronela e a Elsbeth, vermelhas como lacre, invergonhadas por causa do pobre do cunhado, e do pobre do papá, disculpavam-no para com a sociedade, mas lá no intimo estavam ambas contentissimas, pelo facto de não ter dado logar a escandalo este pequeno interludio, e de se haver cohibido o ancião. Não lhe queriam mal, antes lhes inspirava comiseração, e fizeram o possivel no sentido de reanimar o interrupto sarão.

Radnothy aguardava no seu aposento, mais tranquillo, mas tambem mais abatido do que nunca. A magua, a indignação, a esperança e a confiança haviam-no abandonado; delle se apoderára como que uma obtusa insensibilidade; sentia-se pouco menos de atordoado. Sentou-se desde logo a escrever uma carta, incluindo-lhe dinheiro para seu filho, moribundo, após de que procedeu á elaboração do seu testamento. Instituia seu universal herdeiro o filho, e desherdava a filha se

O BERGANTIM REAL EM QUE É CONDUZIDO A TERRA S. M. O REI EDUARDO VII

Não se havia ainda despido a coronéla e, muito satisfeita da sua vida, conversava com a Elsbeth acêrca dos acontecimentos daquelle dia magno. Ao verem entrar Radnothy, ambas se ergueram e corriam alegres a recebê-lo. Deplorava a coronela que o cunhado não tivesse assistido á diversão, pois, afirmou, estivera um *nec plus ultra;* a Elsbeth saltou-lhe ao pescoço e falou muito a respeito de Kahlenberger, que se comprometera este a arranjar uma licença de porte de armas para o papá, e que todas as semanas o havia de acompanhar á caça. E com estes amavios lhe agradeciam a sua moderação, anciosas por lhe adoçar a pilula das contas accumuladas desde a sua ausencia.

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel)*

esta, contra a sua inabalavel vontade, não tomasse por marido a um nobre transylvano ou hungaro; accrescentava ainda que a terça da mãe a havia aquella despendido em arrebiques e que o remanescente mal chegaria para a manter; da herança paterna, em conformidade com o direito hereditario hungaro, nada lhe podia caber e, se porventura ella escolhesse marido em harmonia com os desejos do pae, incumbia ao irmão o dever de lhe entregar todos os annos o terço dos rendimentos dos bens herdados, e que em caso contrario, e vindo o filho a falecer, os mesmos bens reverteriam a favor do Collegio de Nagy-Enyed, por expressa vontade d'elle, testador.

Era extenso o testamento, e custou tempo e trabalho, e ainda por cima, teve que esperar que accordassem o capelão e o mordomo para assignarem ambos na qualidade de testemunhas. Quando poz tudo na devida ordem, para ali se ficou, cabisbaixo, escutando a musica, cujo som chegava ao seu quarto, suspirando e pensando nos dias de outróra; entrementes, invadiu-o, por minutos, uma somnolencia e afigurou-se-lhe divisar o vulto da sua defunta esposa, ergueu-se, sobresaltado e, estarrecido, fitou os olhos na véla pouco menos de consumida. Com o testamento em uma das mãos e na outra o castiçal, dirigiu-se aos aposentos da cunhada.

A POPA DO BERGANTIM REAL